

Primeira parte

Kean: “On joue les héros parce qu’on est lâche et les saints parce qu’on est méchant; on joue les assassins parce qu’on meurt d’envie de tuer son prochain, on joue parce qu’on est menteur de naissance.”

JEAN-PAUL SARTRE

I

— Quatro — disse o Jaguar.

Os rostos se suavizaram sob o brilho vacilante que a lâmpada difundia no recinto, através das poucas partículas limpas do vidro: o perigo desaparecera para todos, salvo para Porfirio Cava. Os dados estavam parados, marcavam três e um, sua brancura contrastava com o chão sujo.

— Quatro — repetiu o Jaguar. — Quem é?

— Eu — murmurou Cava. — Eu disse quatro.

— Rápido — replicou o Jaguar. — Você já sabe, a segunda à esquerda.

Cava sentiu frio. Os banheiros ficavam no fundo dos alojamentos, separados por uma porta de madeira fina, e não tinham janelas. Em anos anteriores, o inverno só chegava ao dormitório dos cadetes esgueirando-se pelas vidraças quebradas e pelas frestas; mas vinha violento naquele ano, e quase nenhum canto do colégio se livrava do vento que, à noite, conseguia penetrar até nos banheiros, dissipar o fedor acumulado durante o dia e destruir a atmosfera abafada. Mas Cava havia nascido e vivido na serra, estava acostumado ao inverno: era o medo que lhe eriçava os pêlos.

— Acabou? Posso dormir? — disse o Jibóia: um corpo e uma voz desmesurados, um penacho de cabelos sebentos que coroa uma cabeça proeminente, um rosto miúdo de olhos fundos de sono. Estava de boca aberta, do lábio inferior protuberante pendia um fiapo de fumo. O Jaguar se voltara para observá-lo.

— Eu começo de sentinela à uma — disse o Jibóia. — Quería dormir um pouco.

— Podem ir — disse o Jaguar. — Vou despertar vocês às cinco.

O Jibóia e o Crespo saíram. Um deles tropeçou ao cruzar a soleira e soltou um palavrão.

— Assim que voltar, me desperte — ordenou o Jaguar.
— Não demore muito. Vai dar meia-noite.

— Está bem — disse Cava. O rosto, em geral impene-
trável, parecia cansado. — Vou me vestir.

Saíram do banheiro. O alojamento estava às escuras, mas Cava não precisava enxergar para se orientar entre as duas colunas de beliches; conhecia de memória aquele recinto com-
prido e alto. Estava tomado agora por uma serenidade silenciosa, alterada de tanto em tanto por roncos ou resmungos. Chegou à cama, a segunda à direita, a de baixo, a um metro da entrada. Enquanto tirava às cegas as calças, a camisa cáqui e os coturnos, sentia junto ao rosto o hálito tingido de fumo de Vallano, que dormia no leito de cima. Distinguiu na escuridão a dupla fileira de dentes grandes e branquíssimos do negro e pensou num roedor. Sem fazer barulho, lentamente, despiu o pijama de flanela azul e se vestiu. Jogou sobre os ombros o casaco de lona. Logo, pisando devagar, porque os coturnos rangiam, caminhou até o beliche do Jaguar, que ficava no outro extremo do alojamento, junto ao banheiro.

— Jaguar.

— Aqui, pegue.

Cava abriu a mão, tocou dois objetos frios, um deles ás-
pero. Conservou na mão a lanterna, guardou a lima no bolso do casaco.

— Quem são as sentinelas?

— O poeta e eu.

— Você?

— O Escravo está no meu lugar.

— E nas outras seções?

— Está com medo?

Cava não respondeu. Deslizou na ponta dos pés até a porta. Abriu um dos batentes, com cuidado, mas não conseguiu evitar que rangesse.

— Um ladrão! — gritou alguém na escuridão. — Mate, sentinela!

Cava não reconheceu a voz. Olhou para fora: o pátio es-
tava vazio, fracamente iluminado pelas lâmpadas da pista de des-
file que separava os alojamentos de um descampado. A neblina dissolvia o contorno dos três blocos de cimento que albergavam

os cadetes do quinto ano e lhes conferia uma aparência irreal. Saiu. Colando as costas à parede do alojamento, ficou quieto e sem pensar por alguns instantes. Já não contava com ninguém; o Jaguar também estava a salvo. Invejou os cadetes que dormiam, os suboficiais, os soldados entorpecidos no galpão erguido do outro lado do estádio. Percebeu que o medo o paralisaria, se não fizesse alguma coisa. Calculou a distância: precisava cruzar o pátio e a pista de desfile; depois, protegido pelas sombras do descampado, contornar o rancho, os escritórios, os dormitórios dos oficiais e atravessar um novo pátio, pequeno e cimentado, que dava no prédio das salas de aula, onde estaria fora de perigo: a ronda não chegava até ali. Então, o regresso. Confusamente, desejou perder a vontade e a imaginação e executar o plano como uma máquina cega. Passava dias inteiros abandonado a uma rotina que decidia por ele, impelido suavemente a ações de que mal se dava conta; agora era diferente, havia-se imposto a tarefa daquela noite, sentia uma lucidez insólita.

Começou a avançar rente à parede. Em vez de cruzar o pátio, fez um desvio, seguindo o muro curvo dos alojamentos de quinto ano. Ao chegar ao outro lado, olhou com ansiedade: a pista parecia interminável e perigosa, demarcada pelas lâmpadas simétricas em torno das quais se aglomerava a neblina. Fora do alcance da luz, adivinhou, no maciço de sombras, o descampado coberto de mato. As sentinelas costumavam estender-se por ali, dormindo ou conversando em voz baixa, quando não fazia frio. Confiava que alguma jogatina os tivesse reunido aquela noite em algum banheiro. Caminhou a passos rápidos, submerso na sombra dos prédios à esquerda, evitando as nódoas de luz. O estalo das folhas e a ressaca do mar que se estendia aos pés do colégio, além dos alcantilados, apagavam o ruído dos coturnos. Ao chegar ao prédio dos oficiais, estremeceu e apurou o passo. Depois cortou transversalmente a pista e se fundiu à escuridão do descampado. Um movimento próximo e inesperado devolveu a seu corpo, como um muro, o medo que ele começava a vencer. Duvidou por um segundo: a um metro de distância, brilhantes como vaga-lumes, dóceis, tímidos, contemplavam-no os olhos da vicunha. “Fora!”, exclamou, encolerizado. O animal permaneceu indiferente. “Não dorme nunca, a maldita”, pensou Cava. “Nem come. Como é que não morre?” Ganhou distância. Dois anos e

meio antes, ao vir para Lima terminar os estudos, espantou-se ao encontrar andando impavidamente entre os muros cinzentos e devorados pela umidade do Colégio Militar Leoncio Prado aquele animal exclusivo da serra. Quem trouxera a vicunha para o colégio, de qual lugar dos Andes? Os cadetes faziam apostas de tiro ao alvo: a vicunha mal se inquietava com o impacto das pedras. Afastava-se lentamente dos atiradores, com uma expressão neutra. “Parece os índios”, pensou Cava. Subia a escadaria do prédio das salas de aula. Agora não se preocupava com o ruído dos coturnos; ali não havia ninguém, exceto os bancos, as carteiras, o vento e as sombras. Percorreu a passos largos o corredor de cima. Deteve-se. O facho mortiço da lanterna revelou a janela. “A segunda à esquerda”, dissera o Jaguar. De fato, estava frouxa. Foi retirando com a lima a massa de vidraceiro, que recolhia com a outra mão. Sentiu-a molhada. Tirou a vidraça com precaução e a pôs no chão. Apalpou a madeira até encontrar o ferrolho. A janela se abriu, de par em par. Já dentro, moveu a lanterna em todas as direções; sobre uma das mesas da sala, junto ao mimeógrafo, havia três pilhas de papel. Leu: “Prova bimestral de Química. Quinto ano. Duração da prova: quarenta minutos.” As folhas haviam sido impressas naquela tarde e a tinta ainda brilhava. Copiou rapidamente as questões numa caderneta, sem entender o que diziam. Apagou a lanterna e voltou à janela. Trepou e pulou: o vidro se estilhaçou sob os coturnos, com mil ruídos simultâneos. “Merda!”, gemeu. Ficara de cócoras, aterrorizado. Seus ouvidos não captavam, entretanto, o alarido selvagem que esperavam, as vozes dos oficiais, feito tiros: apenas sua respiração entrecortada pelo medo. Esperou ainda alguns segundos. Então, esquecendo de usar a lanterna, juntou como pôde os cacos de vidro espalhados pelas lajotas e os guardou no casaco. Regressou ao alojamento sem tomar precauções. Queria chegar logo, meter-se na cama, fechar os olhos. No descampado, ao jogar fora os pedaços de vidro, arranhou as mãos. Parou na porta do alojamento; estava exausto. Uma silhueta veio a seu encontro.

— Pronto? — disse o Jaguar.

— Sim.

— Vamos até o banheiro.

O Jaguar foi na frente, entrou no banheiro empurrando a porta com as duas mãos. Na claridade amarelada do recinto,

Cava percebeu que o Jaguar estava descalço; seus pés eram grandes e leitosos, de unhas compridas e sujas; cheiravam mal.

— Quebrei um vidro — disse, sem levantar a voz.

As mãos do Jaguar vieram em sua direção como dois bólidos brancos e se incrustaram nas lapelas do casaco, que se cobriu de pregas. Cava cambaleou onde estava, mas não baixou a vista diante dos olhos do Jaguar, odiosos e fixos atrás das pestanas curvas.

— Serrano — murmurou devagar o Jaguar. — Tinha que ser serrano. Se nos pegarem, juro que...

Continuava a segurá-lo pelas lapelas. Cava pôs as mãos sobre as do Jaguar. Tratou de afastá-las, sem violência.

— Solte! — disse o Jaguar. Cava sentiu na cara uma chuva invisível. — Serrano!

Cava deixou cair as mãos.

— Não havia ninguém no pátio — sussurrou. — Não me viram.

O Jaguar o soltara; mordida o dorso da mão direita.

— Não sou um desgraçado qualquer, Jaguar — murmurou Cava. — Se nos pegam, pago sozinho e pronto.

O Jaguar observou-o dos pés à cabeça. Riu-se.

— Serrano covarde — disse. — Mijou de medo. Olhe só as calças.

Esqueceu a casa da avenida Salaverry, em Magdalena Nueva, onde viveu até a noite em que chegou a Lima pela primeira vez, e a viagem de 18 horas no carro, a sucessão de lugares em ruínas, areais, vales minúsculos, às vezes o mar, campos de algodão, povoados e areais. Ia com o rosto colado à janela e sentia o corpo roído pela excitação: “Vou ver Lima.” De vez em quando, a mãe o puxava para ela, murmurando: “Richi, Ricardito.” Ele pensava: “Por que está chorando?” Os outros passageiros dormitavam ou liam e o motorista cantarolava o mesmo estribilho, hora após hora. Ricardo resistiu por toda a manhã, a tarde e o começo da noite, sem desviar os olhos do horizonte, esperando que as luzes da cidade surgissem de surpresa, como uma procissão de tochas. O cansaço aos poucos lhe adormecia os membros, embotava os sentidos; no escuro, ele se repetia entre dentes: “Não vou dormir.” E, de repente, alguém o sacudia com

doçura. “Já chegamos, Richi, acorde.” Estava no colo da mãe, a cabeça apoiada em seu ombro, sentia frio. Lábios familiares roçaram sua boca e ele teve a impressão de que, durante o sono, convertera-se num gatinho. Agora o carro avançava devagar, via vagas casas, luzes, árvores e uma avenida mais comprida que a rua principal de Chiclayo. Tardou alguns segundos a perceber que os outros passageiros haviam descido. O motorista cantava já sem entusiasmo. “Como será?”, pensou. E sentiu, de novo, uma ansiedade feroz, como três dias antes, quando a mãe, chamando-o de lado para que a tia Adelina não os ouvisse, disse: “Teu pai não estava morto, era mentira. Acaba de voltar de uma viagem muito longa e está nos esperando em Lima.” “Já chegamos”, disse a mãe. “Avenida Salaverry, não é isso?”, cantou o motorista. “Isso, número 38”, devolveu a mãe. Ele fechou os olhos e fingiu que dormia. A mãe o beijou. “Por que ela me beija na boca?”, pensava Ricardo; a mão direita agarrava o assento. Por fim, o carro parou, depois de muitas voltas. Continuou de olhos fechados, encolheu-se junto ao corpo que o segurava. De repente, o corpo da mãe se empertigou. “Beatriz”, disse uma voz. Alguém abriu a porta. Sentiu-se levantado em peso, posto no chão, sem apoio, abriu os olhos: o homem e a mãe beijavam-se na boca, abraçados. O motorista parara de cantar. A rua estava vazia e muda. Olhou-os fixamente; seus lábios mediam o tempo, dizendo os números. Então a mãe se separou do homem, virou-se para ele e disse: “É o seu pai, Richi. Dê um beijo nele.” Novamente levantaram-no dois braços masculinos e desconhecidos; um rosto adulto se juntava ao seu, uma voz murmurava seu nome, lábios secos apertavam sua bochecha. Ele ficou parado.

Esqueceu também o resto daquela noite, a frieza dos lençóis daquele leito hostil, a solidão que tratava de dissipar apertando os olhos para arrancar à escuridão algum objeto, algum fulgor, e a angústia que lhe apertava o espírito como um prego laborioso. “As raposas do deserto de Sechura uivam feito demônios quando cai a noite; sabe por quê? Para quebrar o silêncio que as aterroriza”, dissera tia Adelina, certa vez. Ele tinha vontade de gritar para que a vida brotasse naquele quarto em que tudo parecia morto. Levantou-se: descalço, seminu, tremendo pela vergonha e confusão que sentiria se de repente entrassem e o encontrassem em pé, avançou até a porta e encostou o rosto na

madeira. Não ouviu nada. Voltou para a cama e chorou, tapando a boca com as duas mãos. Quando a luz entrou no quarto e a rua se povoou de ruídos, seus olhos continuavam abertos e seus ouvidos em alerta. Muito depois, escutou-os. Falavam em voz baixa e só chegava até ele um rumor incompreensível. Então ouviu risadas, movimentos. Mais tarde, sentiu que a porta se abria, passos, uma presença, mãos conhecidas que lhe puxavam os lençóis até o pescoço, um hálito morno na face. Abriu os olhos: a mãe sorria. “Bom-dia”, disse ela, com ternura, “não vai beijar a mamãe?” “Não”, disse ele.

“Eu poderia ir lá e dizer me dê vinte *soles*, dá até para ver os olhos se enchendo d’água, e me daria quarenta ou cinquenta, mas seria como dizer eu perdôo o que você fez com a minha mãe e pode cair na putaria, contanto que me dê uma boa propina.” Sob a manta de lã que a mãe lhe deu de presente há meses, os lábios de Alberto se movem sem ruído. O casaco e o gorro que enfiou até a orelha defendem-no contra o frio. Seu corpo acostumou-se à pressão do fuzil, que agora quase não sente. “Ir lá e dizer que não venha com mesadas, que não adianta mandar um cheque todo mês até se arrepender e voltar para casa, mas dá até para ver, vai começar a chorar e dizer que tem de carregar a cruz feito Nosso Senhor, e mesmo que aceite vai passar um tempão até os dois se entenderem, e amanhã não vou ter os vinte *soles*.” Segundo o regulamento, as sentinelas devem percorrer o pátio do ano respectivo e a pista de desfile, mas ele passa o turno caminhando atrás dos alojamentos, junto à cerca alta e descolorida que protege a fachada principal do colégio. Dali vê pelas grades, como o lombo de uma zebra, a estrada asfaltada que serpenteia ao pé da cerca e à beira dos alcantilados, escuta o rumor do mar e, se a névoa não é muito fechada, distingue ao longe, feito uma lança iluminada, o aterro do balneário de La Punta avançando no oceano como um quebra-mar e, no outro extremo, fechando a baía invisível, o esplendor em leque de Miraflores, seu bairro. O oficial de turno passa em revista as sentinelas de duas em duas horas; à uma da manhã, vai achá-lo em seu posto. Enquanto isso, Alberto planeja a saída de sábado. “É capaz de uns dez caras estarem sonhando com esse filme e, vendo tantas mulheres de calcinha, tantas pernas, tantas barrigas, tantas, acabem me enco-

mendando uns romancinhos, mas desde quando pagam adiantado, e como é que eu iria fazer se amanhã tem prova de Química e ainda vou ter de pagar ao Jaguar pelas perguntas, a não ser que o Vallano me passe cola em troca de umas cartas, mas quem vai confiar num negro? Poderiam me pedir umas cartas, mas ninguém paga à vista nessa altura da semana, é quarta-feira e todo mundo já queimou os últimos cartuchos na Perlita e na jogatina. Poderia gastar vinte *soles* se os detidos me encomendassem cigarros, eu pagaria com cartas e romancinhos, mas só de pensar na confusão, encontrar vinte *soles* numa carteira perdida no rancho ou nas salas de aula ou nas privadas, entrar agora mesmo num alojamento dos cachorros e abrir os armários até encontrar os vinte *soles* ou melhor tirar cinqüenta centavos de cada um para não dar na cara e só teria de abrir quarenta armários sem acordar ninguém, supondo que encontre cinqüenta centavos em cada um, poderia ir falar com um suboficial ou um tenente e dizer me empreste vinte *soles* que eu também quero ir lá com a Pezinhos-de-Ouro, já sou homem e quem é o merda que está gritando aí...”

Alberto demora a identificar a voz, a lembrar que é uma sentinela longe do posto. Torna a ouvir, mais forte: “Mas o que deu nesse cadete?”, e desta vez reagem o corpo e o espírito, levanta a cabeça, seu olhar distingue como num redemoinho as paredes do posto de guarda, vários soldados sentados num banco, a estátua do herói que ameaça com a espada desembainhada a neblina e as sombras, imagina seu nome escrito na lista de castigo, o coração bate tresloucado, sente pânico, a língua e os lábios movem-se imperceptivelmente, vê entre o herói e ele, a menos de cinco metros, o tenente Remigio Huarina, que o observa com as mãos na cintura.

— O que está fazendo aqui?

O tenente avança até Alberto, que vê por trás dos ombros do oficial a mancha de musgo que escurece o bloco de pedra que sustenta o herói, ou melhor, apenas a adivinha, pois as luzes do posto de guarda são opacas e distantes, ou quem sabe a inventa: é possível que hoje mesmo os soldados de guarda tenham raspado e esfregado o pedestal.

— E então? — diz o tenente diante dele. — O que aconteceu?

Imóvel, a mão direita cravada no gorro, tenso, todos os sentidos em alerta, Alberto continua mudo diante do homenzinho turvo que aguarda, também imóvel, sem tirar as mãos da cintura.

— Quero pedir um conselho, meu tenente — diz Alberto. “Eu poderia jurar que estou morrendo de dor de barriga, que quero uma aspirina ou alguma coisa assim, que a minha mãe está muito mal, que mataram a vicunha, podia suplicar que...” — Quer dizer, um conselho moral.

— Como é?

— Tenho um problema — diz Alberto, rígido. “... dizer que meu pai é general, contra-almirante, marechal e juro que vai perder um ano de promoção para cada ponto que me tirar, eu poderia...” — É uma coisa pessoal — ele se interrompe, vacila um instante e mente —, o coronel disse uma vez que podíamos consultar nossos oficiais. Quer dizer, sobre problemas íntimos.

— Nome e seção — diz o tenente. Baixou as mãos da cintura; parece mais frágil e baixinho. Dá um passo à frente, e Alberto vê, bem perto e mais embaixo, o focinho, os olhos franzidos e mortíços de batráquio, o rosto redondo contraído numa expressão que devia ser implacável e só é patética, o mesmo que adota no sorteio de detenções, uma invenção sua: “Chefes de turma, metam seis pontos em todos os números três e múltiplos de três.”

— Alberto Fernández, quinto ano, primeira seção.

— Fale logo — diz o tenente —, fale logo.

— Acho que estou doente, meu tenente. Quer dizer, da cabeça, não do corpo. Tenho pesadelos todas as noites. — Alberto baixou as pálpebras, simulando humildade, e fala muito devagar, sem pensar, deixando que os lábios e a língua trabalhem sozinhos e armem uma teia, um labirinto que engane o sapo. — Coisas horríveis, meu tenente. Às vezes sonho que mato, que sou perseguido por uns animais com cara de homem. Acordo suando e tremendo. É horrível, meu tenente, juro que é.

O oficial perscruta o rosto do cadete. Alberto percebe que os olhos de sapo ganharam vida; a desconfiança e a suspeita assomam às pupilas, que parecem duas estrelas moribundas. “Poderia rir, poderia chorar, gritar, poderia correr.” O tenente Huarina terminou o exame. Bruscamente, dá um passo atrás e exclama:

— E desde quando eu sou padre, caralho! Vá pedir conselhos morais ao seu confessor ou à sua mãe!

— Não queria incomodar, meu tenente — balbucia Alberto.

— E que faixa é essa? — diz o oficial, aproximando o focinho e os olhos dilatados. — Está de sentinela?

— Sim, meu tenente.

— Não sabe que só morto se abandona o posto?

— Sim, meu tenente.

— Conselhos morais! Você deve ser um tarado. — Alberto deixa de respirar: a careta sumiu do rosto do tenente Remigio Huarina, a boca se abriu, os olhos se apertaram, na testa surgiram umas dobras. Está rindo. — Você deve ser um tarado, que caralho. Vá fazer seu serviço no alojamento. E fique feliz de não pegar detenção.

— Sim, meu tenente.

Alberto presta continência, dá meia-volta, numa fração de segundo vê os soldados do posto de guarda inclinados sobre si mesmos, sentados no banco. Escuta a suas costas: “Nem se eu fosse padre, que caralho.” Diante de Alberto, à esquerda, erguem-se três blocos de cimento: quinto ano, depois o quarto, no final o terceiro, os alojamentos dos cachorros. Mais além descansa o estádio, o campo de futebol tragado pelo mato, a pista de atletismo coberta de falhas e buracos, as arquibancadas de madeira avariadas pela umidade. Do outro lado do estádio, para lá de uma construção em ruínas — o galpão dos soldados —, há um muro cinzento onde acaba o mundo do Colégio Militar Leoncio Prado e começam os grandes descampados de La Perla. “E se o Huarina tivesse baixado a cabeça e tivesse visto meus coturnos, e se o Jaguar não estiver com a prova de Química, e se estiver e não aceitar fiado, e se eu me plantar na frente da Pezinhos-de-Ouro e disser que sou do Leoncio Prado, é a primeira vez que venho, vou lhe dar sorte, e se eu voltar para o bairro e pedir vinte *soles* a um dos meus amigos, e se eu deixar o relógio como penhor, e se eu não conseguir a prova de Química, e se eu não tiver cadarços para a revista de amanhã estou fodido da silva.” Alberto avança devagar, arrastando um pouco os pés; a cada passo, os coturnos, sem cadarços faz uma semana, ameaçam se soltar. Percorreu metade da distância que separa o quinto ano da estátua do herói.

Dois anos antes, a distribuição dos alojamentos era diferente; os cadetes de quinto ano ocupavam os alojamentos perto do estádio, e os cachorros ficavam nos mais próximos do posto de guarda; o quarto ano sempre esteve no meio, entre os inimigos. Quando mudou o diretor do colégio, o novo coronel decidiu-se pela distribuição atual. E explicou num discurso: “Dormir perto do prócer epônimo é coisa que se deve conquistar. Daqui para a frente, os cadetes de terceiro ocuparão os alojamentos do fundo. E aos poucos, com os anos, vão se aproximar da estátua de Leoncio Prado. E espero que, ao sair do colégio, se pareçam um pouco com ele, que lutou pela liberdade de um país que ainda nem era o Peru. No Exército, cadetes, é preciso respeitar os símbolos, caralho.”

“E se eu roubar os cadarços do Arróspide, mas só um desgraçado para ferrar com um mirafiorino quando há tantos serranos na seção que passam o ano fechados como se tivessem medo da rua, e vai ver que têm, melhor roubar de outro. E se eu roubar de um do Círculo, do Crespo ou da besta do Jibóia, mas e a prova, só falta tomar pau em Química de novo. Quem sabe do Escravo, seria engraçado, eu disse para o Vallano e é verdade, você ia se achar muito valente de bater num morto, que desespero. Deu para ver nos olhos dele que é um covarde como todos os negros, que olhos, que pânico, que correria, mato o cara que roubou meu pijama, mato o cara, aí vem o tenente, aí vêm os suboficiais, devolvam o pijama que esta semana eu tenho que sair, e não digo desafiar, não digo xingar a mãe, não digo insultar, mas ao menos perguntar que diabo é isso, mas deixar que sumam com o pijama em plena revista, sem estrilar, isso não. O Escravo só perde o medo na porrada, vou roubar os cadarços do Vallano.”

Chegou à passagem que desemboca no pátio do quinto ano. Na noite úmida, sacudida pelo murmúrio do mar, Alberto adivinha, atrás do cimento, as trevas apinhadas dos alojamentos, os corpos encolhidos nas camas. “Deve estar no alojamento, deve estar no banheiro, deve estar no descampado, deve estar morto, onde você foi se meter, Jaguarzinho.” O pátio deserto, vagamente iluminado pelos fachos de luz da pista, parece uma pracinha de aldeia. Não há nenhuma sentinela à vista. “Devem estar numa jogatina, se eu tivesse um centavo, um puto que fosse, podia ganhar os vinte *soles*, talvez mais. Ele deve estar jogan-

do e espero que aceite fiado, ofereço umas cartas e romancinhos, a verdade é que nos três anos nunca me encomendou nada, que merda, vou tomar pau em Química, com certeza.” Percorre todo o corredor sem encontrar ninguém. Entra nos alojamentos da primeira e da segunda seção, os banheiros estão vazios, um deles está empestado. Inspiciona os banheiros dos outros alojamentos, atravessando ruidosamente os dormitórios, de propósito, mas em nenhum deles se altera a respiração sossegada ou febril dos cadetes. Na quinta seção, pouco antes de chegar à porta do banheiro, ele se detém. Alguém está variando: mal distingue, num rio de palavras confusas, um nome de mulher. “Lidia. Lidia? Não era o nome da garota daquele cara de Arequipa que me mostrava as cartas e as fotos que recebia e me contava os sofrimentos, escreva bonito aí que eu a amo muito, eu não sou padre, que caralho, você deve ser um tarado. Lidia?” Na sétima seção, junto aos mictórios, há um círculo de vultos: encolhidos sob os casacos verdes, todos parecem corcundas. Oito fuzis estão jogados pelo chão e outro está apoiado à parede. A porta do banheiro está aberta e Alberto os distingue de longe, da entrada do alojamento. Avança, uma sombra o intercepta.

— O que foi? Quem é?

— O coronel. Têm permissão para jogar? Só morto se abandona o posto.

Alberto entra no banheiro. Uma dúzia de rostos cansados observam-no; a fumaça cobre o recinto como um toldo sobre a cabeça das sentinelas. Nenhum conhecido: caras idênticas, obscuras, toscas.

— Viram o Jaguar?

— Não veio.

— Estão jogando o quê?

— Pôquer. Quer entrar? Primeiro tem de ficar de vigia por 15 minutos.

— Não jogo com serranos — diz Alberto, levando as mãos ao sexo e apontando para os jogadores. — Prefiro comer.

— Dê o fora, poeta — diz um deles. — E não encha o saco.

— Vou dar parte ao capitão — diz Alberto, dando meia-volta. — Os serranos jogam pôquer e apostam com piolhos durante o serviço.

Ouve que o insultam. Está de novo no pátio. Vacila alguns instantes, logo se encaminha para o descampado. “E se eu estivesse dormindo na grama, e se estivessem roubando o exame durante o meu turno, puta merda, e se eu tivesse atirado no cara, e se.” Cruza o descampado até chegar ao muro de trás do colégio. Fugiam por ali, do outro lado o terreno é plano e não há perigo de quebrar a perna na hora de pular. Houve uma época em que todas as noites se viam sombras que passavam o muro nesse ponto e voltavam ao amanhecer. Mas o novo diretor expulsou quatro cadetes de quarto ano pegos quando saíam, e desde então um par de soldados faz a ronda por fora a noite inteira. As fugas diminuíram, já não passam por ali. Alberto gira sobre si mesmo; no fundo está o pátio de quinto ano, vazio e turvo. No descampado intermediário, distingue uma chamazinha azul. Vai até ela.

— Jaguar?

Não há resposta. Alberto saca a lanterna — as sentinelas, além do fuzil, levam uma lanterna e uma faixa roxa — e a acende. No meio da coluna de luz surge um rosto lânguido, uma pele lisa e imberbe, dois olhos semicerrados que miram com timidez.

— O que você está fazendo aqui?

O Escravo levanta uma das mãos para se proteger da luz. Alberto apaga a lanterna.

— Estou de sentinela.

Alberto ri. O ruído vibra na escuridão como um acesso de arrotos, cessa por uns instantes, e logo brota de novo o jorro de desprezo puro, insistente e sem alegria.

— Está substituindo o Jaguar — diz Alberto. — Você me dá pena.

— E você imita a risada do Jaguar — responde o Escravo, suavemente. — Isso sim é que é de dar pena.

— Eu só imito a sua mãe — diz Alberto. Solta o fuzil, larga-o na grama, puxa as lapelas do casaco, esfrega as mãos e se senta junto ao Escravo. — Tem um cigarro?

Uma mão suarenta roça a de Alberto e se afasta no ato, deixando em seu poder um cigarro mole, sem fumo nas pontas. Alberto risca um fósforo. “Cuidado”, sussurra o Escravo. “A ronda vai ver.” “Merda”, diz Alberto. “Me queimei.” Diante deles se estende a pista de desfile, luminosa como uma grande avenida no coração de uma cidade dissimulada pela neblina.

— Como você faz para os cigarros durarem tanto? — diz Alberto. — Os meus acabam na quarta-feira, no máximo.

— Eu fumo pouco.

— Mas por que você é tão bicha? — diz Alberto. — Não tem vergonha de pegar o turno do Jaguar?

— Eu faço o que eu quero — responde o Escravo. — Que interessa?

— Ele trata você feito um escravo — diz Alberto. — Todo mundo trata você feito um escravo, que caralho. Por que todo esse medo?

— Não tenho medo de você.

Alberto ri. A risada se interrompe bruscamente.

— É verdade — diz. — Estou rindo como o Jaguar. Por que todo mundo o imita?

— Eu não imito ninguém.

— Você é o cachorrinho dele — diz Alberto. — Ele ferrou você.

Alberto joga fora a bagana. A brasa agoniza rapidamente na grama entre seus pés, logo desaparece. O pátio de quinto ano continua deserto.

— É isso mesmo — diz Alberto —, ferrou você. — Abre e fecha a boca. Leva uma das mãos à ponta da língua, pega com dois dedos um fiapo de tabaco, quebra-o com as unhas, põe nos lábios os dois corpos minúsculos e cospe. — Você nunca se meteu numa briga, não é?

— Só uma vez — diz o Escravo.

— Aqui?

— Não, antes.

— É por isso que está ferrado — diz Alberto. — Todo mundo sabe que você tem medo. Precisa cair no pau de vez em quando para te respeitarem. Se não, você está fodido na vida.

— Não vou ser militar.

— Nem eu. Mas aqui você é militar, queira ou não. E o que importa no Exército é ser bem macho, ter colhões de aço, entende? Ou você come ou comem você, não tem saída. E não quero que me comam.

— Não gosto de brigar — diz o Escravo. — Quer dizer, não sei.

— Isso não se aprende — diz Alberto. — É uma questão de estômago.

— O tenente Gamboa disse isso uma vez.

— E é a pura verdade, não é? Eu não quero ser militar, mas aqui a gente fica mais homem. Aprende a se defender e a conhecer a vida.

— Mas você não briga muito — diz o Escravo. — E não ferram muito com você.

— Eu me faço de louco, quer dizer, dou uma de sonso. Também serve para ninguém dominar você. Se você não se defender com unhas e dentes, aí sim é que montam em cima.

— Você vai ser poeta? — diz o Escravo.

— Está maluco? Vou ser engenheiro. Meu pai vai me mandar estudar nos Estados Unidos. Escrevo cartas e romancinhos para comprar cigarros. Mas isso não quer dizer nada. E você, vai ser o quê?

— Queria ser marinheiro — diz o Escravo. — Mas agora não quero mais. Não gosto da vida militar. Quem sabe engenheiro também.

A neblina se condensou; os fachos de luz da pista parecem menores e a luz parece mais fraca. Alberto remexe os bolsos. Faz dois dias que está sem cigarros, mas as mãos repetem o gesto, mecanicamente, cada vez que tem vontade de fumar.

— Ainda tem cigarros?

O Escravo não responde, mas, segundos depois, Alberto sente um braço junto a seu estômago. Toca a mão do outro, que segura um maço quase cheio. Tira um cigarro, põe-no entre os lábios, com a ponta da língua toca a superfície compacta e picante. Risca o fósforo e aproxima do rosto do Escravo a chama que se agita suavemente na pequena gruta que formam suas mãos.

— Mas, que porra, está chorando por quê? — diz Alberto, abrindo as mãos e deixando cair o fósforo. — Me queimei de novo, que maldição.

Risca outro fósforo e acende o cigarro. Aspira o fumo e o solta pela boca e pelo nariz.

— O que foi? — pergunta.

— Nada.

Alberto traga de novo; a brasa reluz e a fumaça se confunde com a neblina, que está muito baixa, quase rente ao chão.

O pátio de quinto ano desapareceu. O alojamento é uma grande mancha imóvel.

— O que fizeram com você? — diz Alberto. — Ande, homem não chora.

— Meu casaco — diz o Escravo. — Me ferraram a saída.

Alberto vira a cabeça. O Escravo está usando uma malha castanha, sem mangas, por cima da camisa cáqui.

— Eu tinha que sair amanhã — diz o Escravo. — Ferraram comigo.

— Sabe quem foi?

— Não. Tiraram do armário.

— Vão descontar cem *soles*. Até mais.

— Não é por isso. Amanhã é dia de revista. Gamboa vai me deter. Faz duas semanas que não saio.

— Que horas são?

— Quinze para a uma — diz o Escravo. — Já podemos ir para o alojamento.

— Espere — diz Alberto, levantando-se. — Temos tempo. Vamos arranjar um casaco.

O Escravo levanta-se como uma mola, mas fica parado, sem dar um passo, como se estivesse diante de alguma coisa próxima e irremediável.

— Vamos logo — diz Alberto.

— As sentinelas — sussurra o Escravo.

— Mas que diabo — diz Alberto. — Não está vendo que vou arriscar a minha saída para conseguir um casaco para você? Gente covarde me deixa doente. As sentinelas estão no banheiro da sétima. Numa jogatina.

O Escravo segue Alberto. Avançam pela neblina cada vez mais espessa, rumo aos alojamentos invisíveis. Os cravos dos coturnos rasgam a grama úmida, e ao ruído compassado do mar mistura-se agora o assobio do vento que invade os quartos sem portas nem janelas do prédio que fica entre as salas de aula e os dormitórios dos oficiais.

— Vamos à décima ou à nona — diz o Escravo. — Os nanicos têm um sono de chumbo.

— Você precisa de um casaco ou de um colete? — diz Alberto. — Vamos à terceira.

Estão no corredor. A mão de Alberto empurra levemente a porta, que cede sem ruído. Mete a cabeça para dentro, feito um animal farejando uma caverna: no alojamento em trevas reina um rumor tranqüilo. A porta se fecha atrás deles. “E se ele sai correndo, como treme, e se começa a chorar, como corre, e se for verdade que o Jaguar come o rabo dele, como sua, e se acendem a luz agora, como fujo daqui?” “No fundo”, murmura Alberto, tocando com os lábios a cara do Escravo. “Ali tem um armário que está longe das camas.” “Como é?”, diz o Escravo, sem se mexer. “Merda”, diz Alberto. “Vem comigo.” Arrastando os pés, atravessam o alojamento em câmara lenta, com as mãos estendidas para evitar obstáculos. “E se eu fosse cego, tirava os olhos de vidro e dizia para a Pezinhos-de-Ouro dou meus olhos mas me dê fiado; mas basta de putas, basta, que só morto se abandona o posto.” Param junto ao armário, os dedos de Alberto alisam a madeira. Mete a mão no bolso, tira a gazua, com a outra mão trata de achar o cadeado, fecha os olhos, aperta os dentes. “E se digo juro tenente, vim pegar um livro para estudar Química, senão eu tomo pau amanhã, juro que não lhe perdoarei nunca o choro da minha mãe, Escravo, se me estrepar por conta de um casaco.” A gazua arranha o metal, penetra na ranhura, se engata, vai para a frente e para trás, à direita e à esquerda, entra um pouco mais, se imobiliza, golpeia em seco, o cadeado se abre. Alberto forceja até livrar a gazua. A porta do armário começa a girar. De algum lugar do alojamento, uma voz irada irrompe em incoerências. A mão do Escravo se incrusta no braço de Alberto. “Quieto”, sussurra este. “Ou eu acabo com você.” “O quê?”, diz o outro. A mão de Alberto explora o interior, com cuidado, a alguns milímetros da superfície felpuda do casaco, como se fosse acariciar o rosto ou os cabelos do ser amado e estivesse saboreando o prazer da iminência do contato, tocando apenas sua atmosfera, seu hálito. “Tire os cadarços dos coturnos”, diz Alberto. “Eu preciso.” O Escravo solta-lhe o braço, se inclina, se distancia rastejando. Alberto tira o casaco do cabide, mete o cadeado no aro e o aperta com a mão fechada, para abafar o ruído. Depois desliza até a porta. Quando chega, o Escravo volta a segurá-lo, desta vez pelo ombro. Saem.

— Tem alguma marca?

Com a lanterna, o Escravo examina cuidadosamente o casaco.

— Não.

— Vá até o banheiro e veja se não tem manchas. E os botões não podem ser de outra cor, cuidado.

— Já é quase uma da manhã.

Alberto acena com a cabeça. Ao chegar à porta da primeira seção, volta-se para o companheiro:

— E os cadarços?

— Só consegui um — diz o Escravo. Hesita um momento: — Desculpe.

Alberto olha-o fixamente, mas não o insulta nem ri. Limita-se a dar de ombros.

— Obrigado — diz o Escravo. Pôs novamente a mão no braço de Alberto e o fita nos olhos com sua cara tímida e rasteira iluminada por um sorriso.

— Faço para me divertir — diz Alberto. E acrescenta, rápido: — Tem os pontos da prova? Não sei necas de Química.

— Não — diz o Escravo. — Mas o Círculo deve ter. O Cava saiu faz pouco e foi para as salas de aula. Devem estar resolvendo as questões.

— Estou sem dinheiro. O Jaguar é um ladrão.

— Quer emprestado? — diz o Escravo.

— Você tem?

— Um pouco.

— Pode me emprestar vinte *soles*?

— Vinte *soles* eu posso.

Alberto lhe dá um tapinha no ombro. Diz:

— Genial, genial. Estava sem um tostão. Se quiser, pago com romancinhos.

— Não — diz o Escravo. Baixou os olhos. — Prefiro umas cartas.

— Cartas? Arranjou namorada?

— Ainda não — diz o Escravo. — Mas quem sabe eu arranjo.

— Está bem, homem. Escrevo vinte. Mas você vai ter que me mostrar as dela. Para ver o estilo.

Os alojamentos parecem ter ganhado vida. De diversos setores chegam até lá barulhos de passos, de armários, até de palavras.

— Estão trocando de turno — diz Alberto. — Vamos.

Entram no alojamento. Alberto vai até o beliche de Vallano, se inclina e tira o cadarço de um dos coturnos. Logo sacode o negro com as duas mãos.

— É a mãe, é a mãe — exclama Vallano freneticamente.

— Uma da manhã — diz Alberto. — O turno é seu.

— Se você me despertou antes, eu lhe quebro a cara.

Do outro lado do alojamento, Jibóia vocifera contra o Escravo, que acaba de acordá-lo.

— Tome o fuzil e a lanterna — diz Alberto. — Se quiser dormir, durma. Mas já aviso que a ronda está na segunda seção.

— É sério? — diz Vallano, sentando-se.

Alberto vai até a cama e se despe.

— Aqui todos são muito engraçadinhos — diz Vallano.

— Muito engraçadinhos.

— Que foi? — pergunta Alberto.

— Me roubaram um cadarço.

— Silêncio — grita alguém. — Sentinela, cale a boca dessas bichas.

Alberto sente que Vallano caminha na ponta dos pés.

Depois ouve um ruído revelador.

— Estão roubando cadarço — grita.

— Um dia desses eu quebro a sua cara, poeta — diz Vallano, bocejando.

Minutos depois, o apito do oficial de guarda fere a noite.

Alberto não ouve: está dormindo.

A rua Diego Ferré tem menos de 300 metros de comprimento e qualquer pedestre distraído pensaria que era um beco sem saída. De fato, da esquina da avenida Larco, onde começa, pode-se ver, duas quadras adiante, fechando o outro extremo, a fachada de um sobrado com um jardimzinho protegido por uma grade verde. Mas essa casa, que, de longe, parece fechar a Diego Ferré, pretence à rua Porta, estreita, que cruza, detém e mata a outra. Entre a Porta e a avenida Larco, duas outras paralelas fragmentam a rua Diego Ferré: Colón e Ocharán. Logo depois de atravessar a Diego Ferré, terminam subitamente, 200 metros a oeste, no Malecón de La Reserva, um aterro que serpenteia e abraça Miraflores com um cinturão de tijolos vermelhos e que é o limite extremo da cidade, construído rente

aos alcantilados, sobre o mar rumoroso, cinzento e limpo da baía de Lima.

Cercados pela avenida Larco, pelo Malecón e pela rua Porta, há meia dúzia de quarteirões: uma centena de casas, duas ou três mercearias, uma farmácia, uma banca de refrigerantes, uma sapataria (semi-oculta entre uma garagem e um muro saliente) e um terreno onde funciona uma lavanderia clandestina. As ruas transversais têm árvores ao longo das calçadas; a Diego Ferré, não. Esse domínio forma um bairro sem nome. Quando se formou um time de futebol para entrar no campeonato anual do Clube Terrazas, os rapazes se apresentaram sob o nome de Bairro Alegre. Mas, terminado o campeonato, o nome caiu em desuso. Além disso, os jornalistas policiais designavam com o nome de Bairro Alegre a rua Huatica, em La Victoria, a rua das putas, o que constituía uma semelhança constrangedora. Por isso os rapazes se limitam a falar do bairro. E quando alguém pergunta qual bairro, para diferenciar-se dos outros bairros de Miraflores, o de 28 de Julho, o do Reducto, o da rua Francia, o de Alcanfores, dizem: “O bairro da Diego Ferré.”

A casa de Alberto é a terceira da segunda quadra da Diego Ferré, na calçada da esquerda. Conheceu-a à noite, quando quase todos os móveis da casa anterior, em San Isidro, já haviam sido transferidos para esta. Pareceu-lhe maior que a outra e com duas vantagens evidentes: seu quarto ficaria mais longe do quarto dos pais, e, como esta casa tinha um jardim interior, provavelmente deixariam que tivesse um cachorro. Mas o novo domicílio também teria inconvenientes. De San Isidro, o pai de um amigo levava os dois ao Colégio La Salle, todas as manhãs. No futuro, teria que tomar um ônibus, descer na parada da avenida Wilson e dali andar pelo menos dez quadras até a avenida Arica, pois o La Salle, apesar de ser um colégio para meninos decentes, fica no coração da Breña, onde pululam *zambos** e operários. Teria que acordar mais cedo e sair logo depois do café. Na frente da casa de San Isidro havia uma livraria, o dono deixava que lesse os números de *Penecas* e *Billiken* atrás do balcão e às vezes os emprestava por um dia, contanto que não amassasse nem sujasse. A mudança de domicílio o privaria, além disso, de uma distração

* *Zambos* são os mestiços de índios e chineses. (N. do T.)

excitante: subir ao terraço e contemplar a casa dos Nájár, onde jogavam tênis pela manhã e, quando havia sol, almoçavam nos jardins embaixo de sombrinhas coloridas; à noite, dançavam, e ele espiava os casais que iam dissimuladamente se beijar na quadra de tênis.

No dia da mudança, acordou cedo e foi para o colégio de bom humor. Ao meio-dia, voltou direto para a casa nova. Desceu do ônibus na parada do parque Salazar — ainda não conhecia o nome dessa esplanada de relva debruçada sobre o mar —, subiu pela Diego Ferré, uma rua vazia, e entrou na casa: a mãe ameaçava demitir a empregada se esta se dedicasse de novo a fazer amizade com as cozinheiras e os motoristas da vizinhança. No fim do almoço, o pai disse: “Tenho que sair. Um assunto importante.” A mãe clamou: “Você vai me trair, como tem coragem de me encarar?”, e logo, escoltada pelo mordomo e pela criada, começou um minucioso inventário para verificar se alguma coisa tinha se extraviado ou quebrado na mudança. Alberto subiu para o quarto, estirou-se na cama, rabiscou distraído a guarda dos livros. Pouco depois, ouviu vozes de meninos que entravam pela janela. As vozes se interrompiam, vinham o chute, o zunido e o estrondo da bola ao bater numa porta, e na hora renasciam as vozes. Pulou da cama e foi até a sacada. Um dos meninos usava uma camisa chamejante, de listras vermelhas e amarelas, o outro, uma camisa de seda branca, desabotoada. O primeiro era mais alto, loiro e tinha a voz, o olhar e os gestos insolentes; o outro, baixo e forçado, de cabelo castanho e crespo, era muito ágil. O loiro jogava de goleiro na frente de uma garagem; o moreno disparava com uma bola de futebol nova em folha. “Agora pegue, Pluto”, dizia o moreno. Pluto, encolhido, fazia uma careta dramática, gesticulava, limpava a testa e o nariz com as duas mãos, fingia que se atirava e, se defendia uma bola, ria com estrépito. “Você é uma mocinha, Tico”, dizia. “Uma bola dessas eu defendo com o pé nas costas.” O moreno matava a bola com o pé, preciso, ajeitava na marca, media a distância, chutava e quase sempre fazia gol. “Mão furada”, zombava Tico, “fadinha. Vou cantar esta: uma bomba no ângulo direito.” No começo, Alberto observava com frieza e eles aparentavam não vê-lo. Pouco a pouco, foi demonstrando um interesse estritamente esportivo; quando Tico fazia um gol ou Pluto agarrava a bola, assentia sem

sorrir, como um conhecedor. Logo começou a prestar atenção nas tiradas dos dois meninos; adequava sua expressão à deles e os jogadores davam sinais de reconhecer momentaneamente sua presença: viravam-se para ele, como se fosse o árbitro. Logo se estabeleceu uma estreita cumplicidade de olhares, sorriso e movimentos de cabeça. Até que Pluto defendeu um tiro de Tico com o pé e a bola voou longe. Tico saiu correndo atrás. Pluto levantou a vista para Alberto.

— Oi — disse.

— Oi — disse Alberto.

Pluto estava com as mãos metidas nos bolsos. Dava pulinhos sem sair do lugar, como os jogadores profissionais fazem para se aquecer antes da partida.

— Vai morar aqui? — perguntou Pluto.

— Vou. Mudamos hoje.

Pluto acenou com a cabeça. Tico vinha se aproximando. Trazia a bola em cima do ombro e a segurava com uma das mãos. Olhou para Alberto. Sorriam um para o outro. Pluto olhou para Tico:

— Ele se mudou hoje. — disse. — Vai morar aqui.

— Ah — disse Tico.

— Vocês moram por aqui? — perguntou Alberto.

— Ele na Diego Ferré — disse Pluto —, na primeira quadra. Eu, dobrando a esquina, na Ocharán.

— Mais um no bairro.

— Me chamam de Pluto. E esse é o Tico. Joga feito mocinha.

— O seu pai é gente boa? — perguntou Tico.

— Mais ou menos — disse Alberto. — Por quê?

— Expulsaram a gente da rua toda — disse Pluto. —

Tiram a nossa bola. Não deixam a gente jogar.

Tico batia bola como no basquete.

— Deça — disse Pluto. — Vamos cobrar pênaltis.

Quando chegarem os outros, jogamos uma partida.

— OK — disse Alberto. — Mas já fiquem sabendo que eu não sou bom de bola.

Cava disse para a gente: tem umas galinhas atrás do galpão dos soldados. Está mentindo, serrano, não é verdade. Juro

que vi. E então fomos depois do jantar, fazendo uma volta para não passar pelos alojamentos e rastejando como em campanha. Viu, estão vendo, dizia o maldito, o cercado branco e as galinhas coloridas, o que mais querem, o que mais querem? Pegamos a preta ou a amarela? A amarela está mais gorda. Está esperando o quê, porra? Vou pegar e comer as asas. Fecha o bico dela, Jibóia, como se fosse fácil. Não conseguia; não fuja, não, bichinha, venha, venha. Está com medo dele, está olhando feio, mostrando o rabo, olhem só, dizia o maldito. Mas era verdade, ela me picava os dedos. Vamos até o estádio e fechem logo o bico dessa aí. E se o Crespo avançar no menino? O melhor, disse o Jaguar, é amarrar as patas e o bico. E as asas, e se ela capar alguém com a ponta das asas, o que me dizem? Ela não quer nada com você, Jibóia. Ah, serrano, tem certeza, tem? Não, mas vi com meus próprios olhos. Vou amarrar com o quê? Que bestas, que bestas, uma galinha é pequena assim, parece brincadeira, quero ver com uma lhama! E se o Crespo avançar no menino? Estávamos fumando nas privadas do prédio das salas de aula — abaixem os cigarros, seus morcegos. O Jaguar fazia tanta força que parecia que estava dando. E aí, Jaguar, já foi, já foi? Silêncio, não me interrompam, tenho que me concentrar. E o bico? E se a gente pegasse o gordinho?, disse o Crespo. Qual? O da nona, o gordinho. Você nunca deu um beliscão nele? Ufa. Não é má idéia, mas ele deixa ou não deixa? Me contaram que o Lañas come o gordinho quando está de guarda. Ufa, finalmente. Já foi, já foi?, disse o maldito. Quem vai primeiro? Porque eu perdi a vontade com todo esse barulho que vocês fazem. Eu tenho um barbante para o bico. Serrano, não vá soltar, que ela voa longe. Quem é voluntário? Cava segurava a galinha por baixo das asas, o Crespo dizia não se mexa, que eu te pego de qualquer jeito, e eu amarrava as patas. Então é melhor sortear, quem tem fósforos. Corte a cabeça de um e me mostre os outros, estou velho demais para ser trapaceado. Aposto que o Crespo vai ganhar. Escute, ele dá ou não dá? Não sei de nada. Esse risinho parece uma picada. Eu topo, Crespo, mas só por farra. E se ele não deixar? Quietos aí, que tem suboficial na parada, menos mal que passou longe, eu sou muito macho. Vamos comer o suboficial? O Jibóia anda comendo uma cadela, disse o maldito, por que não o gordinho, que é gente. Está detido, eu o vi agora há pouco no rancho, enchendo o saco dos oito

cachorros da mesa dele. Talvez ele não deixe. Quem disse medo, quem disse medo? Eu como uma seção inteira de gordinhos, sem piscar. Vamos fazer um plano, disse o Jaguar, alguma coisa pra facilitar. Quem pegou o palito? A galinha estava no chão, quietinha, nas últimas. Olhem o Cava, está tocando uma? É de brincadeira, está morta, essa era para o Jibóia, que fica de pau duro até na marcha. Já sorteamos, não tem conversa, ou você come ou comemos você, que nem as lhamas da sua aldeia. Ninguém tem um romancinho? Vamos trazer o poeta para contar uma dessas histórias de levantar a piroca? Conversa fiada, companheiros, eu fico de pau duro só de me concentrar, é questão de força de vontade. Escute, e se eu pegar doença? O que deu em você, minha linda, o que foi, serraninho, que história é essa de dar para trás, não sabe que o Jibóia está melhor que a sua mãe desde que começou a comer a Malparada? Que história é essa, piolhento, nunca te disseram que as galinhas são mais limpas que as cadelas, mais higiênicas? Está certo, vamos comer o gordinho, mesmo que nos peguem com a mão na massa. E a ronda? Quem está de serviço é o tonto do Huarina, e nos sábados a ronda não é de nada. E se ele denunciar? Reunião do Círculo: cadete comido e dedo-duro. Mas você diria que foi comido? Vamos embora que está na hora do toque de recolher. E baixem esses cigarros, que diabo. Olhem só, disse o maldito, parou sozinha; passem para cá. Pode ficar com ela. Eu? Você mesmo. Tem certeza que a galinha tem buraco? Só falta a vadia ser virgem. Está se mexendo, olhem só, vai ver que é um galo bicha. Parem de rir, parem de falar. Por favor. Esse risinho de merda. Não estão vendo a mão do serrano? Está apalpando, hein, bandido? Estou procurando, não mexam comigo, encontrei. Como é, companheiro? Tem buraco, sim, fiquem quietos, por favor, e parem de rir, pelo amor de Deus, senão o elefante dorme de novo. Que animal. Meu irmão dizia, os serranos, gente ruim, a pior que há. Traidores e covardes, tortos até a alma. Tapem o bico dela, filhadumagrandíssima! Tenente Gamboa, tem alguém aqui comendo uma galinha. São quase dez, disse o Crespo. Deve ser mais de dez e 15. Viram as sentinelas? Eu também comeria uma sentinela. Você come tudo, pelo visto, que apetite, tem certeza de que não come a santa mãe? Não havia mais detidos no alojamento, só na segunda seção, e saímos sem sapatos. Estou gelando de frio, vou acabar me resfriando. Eu

confesso que, se ouço um apito, saio correndo. Vamos subir a escada agachados, dá para ver do posto de guarda. Verdade? Entramos no alojamento devagarinho, e o Jaguar, quem foi a besta que disse que só havia dois detidos? Tem uns dez nanicos roncando aqui, pelo menos. Vão desistir? Quem? Você que sabe qual é a cama dele, vá na frente, vamos acabar comendo um outro. É a terceira, não sentem esse cheiro de gordinho apetitoso. As penas estão caindo, e parece que está morrendo. Foi ou não foi? Diga. Você é rapidinho assim ou só com as galinhas? Olhem só essa franguinha, acho que o serrano acabou com ela. Eu? Falta de respiração, todos os buracos tapados. Está se mexendo, juro que está bancando a morta. Vocês acham que os animais sentem? Sentem o que, porra, se não têm alma? Quero saber se gostam, que nem as mulheres? A Malparada, sim, feito mulher. Jibóia, você me dá nojo. Cada coisa que se vê. Olhem só, a franguinha está parando. Gostou e quer mais, que tal? Olhem como vai, está mole, mole. E agora, vamos comer de verdade? Só tem que tomar cuidado para não engravidar, depois do que o serrano derramou nela. Eu nem sei como se mata uma galinha. Deixe disso, que o fogo mata os micróbios. Segure o pescoço e torça no ar. Segure firme, Jibóia, que eu vou dar um puxão, segure aí. Sim, senhor, essa foi boa, que patada. Agora, sim, morreu, está toda desconjuntada, caramba. Caramba, está toda desconjuntada, quero ver quem vai comer com esse cheiro de poeira e porra? Jure que o fogo mata os micróbios. Vamos fazer uma fogueira mais para lá, atrás da cerca, é mais escondido. Fique quieto, senão eu mato. Treppe logo que eu seguro, porra. Como o nanico esperneia, como esperneava, como, está esperando o quê para trepar, não vê que está dormindo mais pelado que uma foca. Cuidado, Jibóia, não tape assim o focinho, assim ele se afoga. Vai acabar me derrubando, e olhe que estou só me esfregando, dizia o Crespo, não se mexa ou vai morrer, vai virar pó de traque, quer o quê, chorão, quer que eu meta tudo? Vamos dar o fora, que os nanicos estão acordando, eu não disse, caralho, todos os nanicos estão se levantando e isso aqui vai virar um rio de sangue. O que acendeu a luz foi esperto. O que gritou estão comendo um companheiro foi esperto também. A porra da luz ferrou comigo, acho que foi por isso que soltei a boca do nanico, socorro, gente. Só ouvi um grito assim quando a minha mãe jogou uma cadeira em

cima do meu irmão. E vocês, nanicos, quem foi que chamou vocês, o que estão fazendo em pé, por gentileza, alguém pediu para acender a luz? E aquele, era o chefe de turma? Não vamos deixar essas bichas fazerem isso com ele. Como é, estou sonhando, desde quando se fala assim com o seu cadete? Sentido! E você, que gritaria é essa, não dá para ver que era brincadeira? Esperem que eu vou arrebentar uns nanicos. E o Jaguar ainda ria, ainda me lembro da risada dele enquanto eu enchia o saco dos nanicos. Agora vamos, mas ouçam direitinho e não se esqueçam: basta um abrir o bico e vamos comer de verdade o alojamento inteiro. É melhor nem se meter com os nanicos, são todos uns complexados e não entendem as brincadeiras. A gente precisa se agachar para descer as escadas? Vixe, dizia o Crespo, chupando um osso, a carne ficou toda cheia de pele chamuscada.